

APRESENTAÇÃO DA 33ª EDIÇÃO DA TRAVESSIAS

A presente edição da Revista Travessias aborda a crescente influência do pensamento de Slavoj Žižek na cultura e na literatura no Brasil. O filósofo esloveno é professor da European Graduate School e pesquisador sênior no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana; tem um doutorado em Filosofia pela Universidade de Liubliana e outro em Psicanálise, pela Universidade de Paris, onde estudou com Jacques-Alain Miller. A partir dos anos 1990, seu trabalho, uma releitura de Lacan aplicada à filosofia política, com uma polêmica proposta de retomada de Hegel e de outros expoentes do Idealismo alemão, foi se difundindo pela Europa e pelos Estados Unidos, tornando-o conhecido do público acadêmico.

No Brasil, seu primeiro livro traduzido foi **Um Mapa da ideologia** (Contraponto, 1996), coletânea com diversos autores, mas foi com a tradução de **Bem-Vindo ao Deserto do Real** (Boitempo, 2003), um instigante ensaio sobre o 11 de Setembro e suas consequências ideológicas, que ele passou a ser conhecido no país. Desde então, sua popularidade só fez aumentar, passando a ocupar espaço importante e inspirador em escritos de pensadores como o filósofo Vladimir Safatle e o psicólogo e psicanalista Christian Dunker, por exemplo.

A escrita de Žižek é bastante provocadora: rebelando-se contra as dicotomias prontas e arraigadas no senso comum, ele frequentemente inicia seus raciocínios com a frase “*but what if the opposite were true?*” (“Mas e se o contrário fosse verdade?”), para, a partir daí, desmontar truísmos de maneira implacável.

Žižek insiste em convidar seu leitor a observar as profundas implicações ideológicas encontráveis nos objetos mais “humildes” e cotidianos: o vaso sanitário, o Kinder Ovo. Ele não é “didático”, no sentido de que a maioria de seus textos pressupõe que seu leitor tenha um conhecimento prévio tanto das ideias de Lacan quanto das de Hegel; ainda assim, ao buscar, para exemplificar seu pensamento, elementos do cotidiano, ele opera um salto pedagógico a um só tempo ousado e contemporâneo, por um lado demonstrando que a filosofia fundamenta e ilumina os gestos e objetos mais banais do nosso dia-a-dia e, por outro lado, tomando uma postura investigativa que funde o “alto” e o “baixo”, como Boaventura de Souza Santos (1991) conclamava para o saber pós-moderno.

Opositor ferrenho do capitalismo neoliberal, bem como do ameaçador capitalismo “de valores asiáticos”, o esloveno defende e demonstra que, para o pensamento crítico, tanto a obra canônica quanto a não-canônica, “comercial”, podem trazer pistas importantes sobre verdades reprimidas/suprimidas pelo discurso oficial, exemplificando com agudas análises de filmes de Hitchcock, Forman, David Lynch, mas também de *blockbusters* como **Matrix** ou ainda filmes “pouco sérios”, como **Abraham Lincoln, caçador de vampiros**.

Desde a publicação do capítulo “Materialismo Lacaniano” (SILVA, IN: BONNICI e ZOLIN, 2009), o pensamento de Žižek vem sendo aplicado à análise literária no Brasil de forma sistemática: o grupo de estudos Identidade e Sujeitos(s) na Literatura, cadastrado no CNPq, vem produzindo massa crítica e, aos poucos, criando a metodologia, inspirado livremente no trabalho pioneiro de Phillip Rothwell, **A Canon of Empty Fathers** (2007). O foco é sempre no texto (evitando tentativas de “psicanalisar” as personagens) e, a partir dele, a utilização das ideias de Žižek para iluminar ou descrever os recursos utilizados na produção de sentidos, na organização da

narrativa e/ou das ideias e temas; e também na relação desses recursos com discursos ideológicos, estéticos ou críticos.

Nesta edição da **Travessias**, iniciamos o dossiê com um artigo bastante instigante, “O Conceito de Democracia em Giorgio Agamben e Slavoj Žižek”, o qual realiza uma breve comparação sobre o conceito de democracia encontrado no esloveno com o de outro importante filósofo vivo, o italiano Giorgio Agamben. Escrito por Felipe Onisto e Sandro Luiz Bazzanella, o texto vai demonstrando que tanto Žižek quanto Agamben entendem o conceito hodierno de “democracia” como algo bastante problemático, uma vez que foi de tal modo colonizado pelo Capitalismo Cultural que acabou por tornar-se peça discursiva, Significante-Mestre esvaziado de conteúdo e utilizado para legitimar práticas contrárias ao espírito original do termo cunhado na Grécia Clássica.

Partindo da ideia de democracia, chegamos ao seu oposto (ou seria apenas o seu pseudo-reverso, numa continuidade de fita de Moebius?), o totalitarismo, cujo exemplo mais acabado (e menos refutável) está numa obra literária, o **1984** de George Orwell. Em “**1984**, de George Orwell, a manipulação da linguagem e o Materialismo Lacaniano” Érica Fernandes Alves e Geniane Diamante Ferreira estudam as maneiras como, em consonância com as conclusões de Onisto & Bazzanella, o discurso do partido político do romance, o Socing, lança mão, sistematicamente, do esvaziamento do sentido original (e antitético, como no *slogan* “Guerra é Paz”) de certos conceitos para então utilizá-los como ferramentas do seu projeto de dominação absoluta da sociedade descrita no livro. Ainda assim, sugerem as autoras, algo escapa e resiste a esse projeto nefário.

Ainda sobre textos que apresentam distopias, temos a contribuição de Gabriela Bruschini Grecca, com suas reflexões sobre **O Conto da Aia**, romance cuja transformação recente em série televisiva resultou num grande aumento de sua visibilidade. A autora aborda o romance de Atwood repensando o tema do totalitarismo e demonstrando como o conceito de excesso obsceno, retomado de Lacan, dialoga com o pensamento de Walter Benjamin. “O Feminino como Excesso Obsceno em **O Conto da Aia**, de Margaret Atwood” mostra como a mulher (conceito que, para Lacan, já é problemático) independente e autônoma na democracia estadunidense é tornada o já referido excesso obsceno e monstruoso, culpabilizado por tudo o que passa a ser percebido como erro, pecado ou vergonha da mesma democracia. É esse excesso que necessita ser destruído na República de Gilead; mas, como a destruição efetiva do contingente feminino inviabilizaria a continuidade da existência da República, opta-se pelo controle opressivo, castrador e violento, da sexualidade feminina, que passa a ser demonizada e considerada de altíssimo risco.

Na sequência, o romance de estreia (2011) de Eliane Brum que, como o romance de Atwood, também enfoca a questão do feminino, mas sob outro prisma, é observado por Ana Carla da Silva Lima e Miguel Heitor Braga Vieira. “Automutilação em **Uma Duas**, de Eliane Brum” discute, sob o viés da violência e do contato traumático com o Real, como essas duas questões resultam na narrativa pós-moderna, dilacerada e angustiante não apenas na temática mas também na própria estruturação. O artigo recupera parte do diálogo teórico de Žižek com Agamben e, ao retomar escolhas paratextuais, como a tinta vermelha no fluxo de consciência para metáfora do sangue que jorra do corpo de uma personagem e da memória de outra, apresenta o romance como espaço textual no qual as três formas de violência (objetiva, subjetiva e simbólica) apontadas pelo esloveno se fundem e se subsumem.

Ainda neste este dossiê, Diana Milena Heck observa em “A Imagem da Morte em **As Intermitências Da Morte**, de José Saramago: o Jogo do Simbólico e do Imaginário” como o pensamento de Žižek ajuda a deslindar aspectos sutis na trama do romance saramaguiano escolhido como objeto, por meio da tríade lacaniana Real-Simbólico-Imaginário aplicada não a um indivíduo, como na prática psicanalítica, mas à própria tessitura da narrativa, que vai ressignificando a Morte de maneira a alterar fundamentalmente o seu Imaginário, o que acarretará, na lógica do romance, alterações fundamentais no Simbólico, a instância na qual nos comunicamos e construímos nossas próprias narrativas e nossa percepção do mundo.

Retomando a análise da distopia, mas desta vez de braços dados com a Ecocrítica de Garrard, “Questões Ecológicas em **Não Verás País Nenhum**, do escritor Ignácio de Loyola Brandão” aborda o olhar žižekiano sobre a violência sistêmica, retomando um tema já incorporado à fortuna crítica do romance de Brandão, que é a da denúncia vigorosa dos danos desastrosos à ecologia causados pela má gestão política e pela ganância. Estela Pereira dos Santos e Evely Vânia Libanori mostram que Žižek tem contribuições a fazer no campo que relaciona representação literária e meio ambiente, campo esse que, segundo Garrard, gera análises assumidamente políticas – o que já o alinha ao pensamento do esloveno, cuja preocupação com a ideologia e com os modos de apropriação da narrativa do mundo pelo Capitalismo Cultural é central em sua obra.

O percurso deste dossiê reafirma o quanto as ideias do filósofo esloveno vêm contribuindo para discussões importantes na Cultura e na Literatura brasileiras, influência essa que, a nosso ver, tende a seguir crescendo nas próximas décadas.

*A organizadora do dossiê,
Marisa Corrêa Silva (UEM)*

REFERÊNCIAS:

SANTOS, B. S. O social e o político na transição pós-moderna. IN: **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Porto: Afrontamento, 1994.

SILVA, M. C. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ªed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216.

ROTHWELL, P. **A Canon of Empty Fathers: paternity in Portuguese narrative**. Lewisburg: Bucknell University Press, 2007.

ŽIŽEK, S. **Como Ler Lacan**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, S. **Bem-vindo ao deserto do Real**. Trad. Paulo Cezar Castanheira. SP: Boitempo, 2003.